

# O PORVIR

31 DE MAIO  
DE 1883

# O PORVIR.

Periodico Litterario e Noticioso.

De Deus é maldição a ignorancia,  
Nas azas da instrucção ao céu subimos.  
(Shakspeare.)

Publica-se duas vezes por mez á razão de 1\$500 por trimestre.  
Pagamento adiantado.

Escriptorio da redacção á rua do Carmo n. 30 onde se trata de negocios relativos a esta folha.  
A redacção só é responsavel por seus escriptos.

## O PORVIR.

Parahyba, 31 de Maio de 1883.

E' incontestavel que a mocidade parahybana vai sendo de mais a mais derrotada pela falta de instrucção, e que em vez de procurarem-na, desviam-se do caminho onde podem encontral-a; tal é a antipathia que lhe votão!

A ignorancia, cancro immenso que dilacera o seio de nossas sociedades, ostentando sciencia, em face de uma pobreza extrema de conhecimentos, está sempre prompta a guiar os seus acolythos pelo caminho da descrença, afastando-os do tirocinio das luzes, e lançando-os nos funestos abysmos do obscurantismo.

Ella traz sempre consigo, horriveis consequências; amiga intima da corrupção, companheira inseparavel do vicio, apoderando-se muitas vezes de espiritos nobres e innocentes, educa-os na eschola do odio, e da inveja, para depois soltal-os corrompidos e perversos no meio das sociedades, á semelhança de um lobo entre cordeiros.

Quão mesquinhas e tristes são as suas consequências!

Tendo ligeiramente exposto quaes são os fins principaes da ignorancia, passamos agora a mostrar quaes os mellifluous productos da instrucção.

— Instrucção! palavra nobre e santa, que prorompe dos labios da mocidade, (embalada nas azas da mais lizongeira esperanza) linda e encantadora como o rizo juvenil da infancia! Não ha em toda lingua humana nenhuma que tenha significação tão bella e tão admiravel. E' ella que suavisa os

costumes, esclarece a intelligencia e eleva o homem ás regiões superiores do sublime e do bello; por ella chega o philosopho a descobrir a causa unica das cousas, o poeta a achar na natureza o objecto de seus cantos e o historiador a discernir em suas narrações o rial, do ficticio.

Ainda mais; por ella chegará um dia a mocidade estudiosa a obter a palma de seus triumphos.

Dispertae pois mocidade e abraçae a santa causa da instrucção fervorosamente que quando o povo livre erigir templos á instrucção erigilos-ha também á liberdade.

—»««—

Para descrever-se um acontecimento, cuja origem remonta aos tempos primitivos e heroicos, é necessario recorrer-se á mythologia, onde corrompidas e embellezadas pela imaginação dos poetas, encontram-se todas as notabilidades dos antigos; e atravez dos phantasticos e expessos véos d'estas grosseras fabulas deve a historia ir buscar a origem d'aquillo que faz o seu objecto, para apresental-a aos olhos do mundo despida de todas as illusões que possam corromper as regras da clareza e da simplicidade, sem todavia, poder affastar-se da verosimilhança e da fidelidade, caracteres estes que, além de alguns outros, lhe são essenciaes e indispensaveis. A origem da litteratura, como sabemos, remonta a estes periodos incertos ou perde-se nas obscuras noutes dos tempos, pois que são incertas todas as opiniões á este respeito. Se quizessemos penetrar no vasto mundo das abstracções, ou vagar sobre a amplidão do illimitado oceano das incertezas, necessariamente haveriamos de ir muito longe, pois que isto é causa de difficultosas



indagações é que só pode offerecer um brilhante campo de ficções para o poeta.

A divergencia dos auctores n'este ponto é notavel; uns pretendem que ella já existia antes do diluvio universal, outros affirmão, e com muita razão, que o seu berço fôra o Egypto, etc. Mas o certo é que a nenhum outro povo, mais do que aos Egyptios, pôde competir esta honra, pois que foi d'alli que, depois de chegar ao apogéo, ella passou timida e vacillante ás plagas da Jódéa, para apoz uma existencia de cruéis vicissitudes resurgir brilhante e glorioza na imaginação ardente dos gregos e romanos, e diffundirse por todo o universo, instruindo os povos, civilizando as nações, e refreando os governos despotas e arbitrarios com o jugo doce e suave de uma constituição.

Legisladora audaz e severa outr'ora com os Espartanos, depois justiciera e humanitaria com os athenienses e mais tarde religiosa e sabia com os Romanos, é ella hoje um immenso pharol, que serve de guia aos imperiaes nautas que naufragão na immensidade dos mares da tyrannia.

A natureza prodiga e rica nos demais paizes, mesquinha e pobre no Egypto, onde em vez de um zephiro lindo para embalar os lyrios, encontra-se um Simoún abraçador, cujo sopro pestilento fal-os fenecer; onde em vez de um terreno fértil e uberrimo encontra-se um solo estéril e ingrato; onde em vez de verdes bosques, encontra-se extensos e arenosos oasis; onde em vez de lindas e eternas maravilhas, que ostentem o seu esmero, encontra-se apenas simples produções naturaes desenvolvidas e favorecidas muitas vezes, pela arte e industria, a natureza dizemos nós, todavia fadou-o dotando seus filhos de um genio creador, capaz de emprehender e executar as mais admiráveis descobertas, de descolir os mais occultos segredos d'arte, á ponto de tornarem-se o objecto dos nossos votos, e de merecerem da posteridade o glorioso titulo de preceptores da humanidade. Feliz como o Egypto, porque immerso no meio d'estes grandes portentos, e banhado pelas brancas espumas das inquietas vagas da gloria, quando ameaçado em seus fundamentos pelo impeto victorioso dos incansaveis conquistadores asiaticos, vio quebrarem-se os seus thronos, cairem suas dymnastias e apoz ellas fugir a sua liberdade, pela voz fementida e corrupta de seus oráculos, encontrou em seu seio

altos espiritos que illustrassem seus ultimos dias de vida, recommendando-o a memoria de seus posteros, que obedientes a estes principios appellidarão-no—berço da civilização.—

Louros tão immarcessiveis, glorias tão immortaes, victorias tão esplendidas só se obtem no campo da instrucção, onde pelejão os cruzados da sciencia, contra os gladiadores da ignorancia, onde ao erro oppõe-se a razão.

E é assim que quando tudo mais declina, a litteratura ergue-se a formar um Pantheon universal.

Ha cousas que apparecem em face da terra, para só desaparecerem com ella. Tal é a litteratura.

### Liberdade da Imprensa.

A faculdade de communicar os pensamentos por meio de escriptos é dogma de nossa constituição, no § 4.º do art. 179. Esta faculdade é a liberdade da Imprensa. Tollerar ao homem esta liberdade é sem duvida subjugal-o á pressão da completa ignorancia e hypocrisia do chefe do paiz ou estado, em que se adoptar esse meio violento, que attentado de certo ao que ha de mais nobre e importante na sociedade civil.

Uma prova evidente, um exemplo cabal d'este absurdo nós temos no parlamento de França, actualmente um dos paizes mais civilizados da Europa; decretando este em 1620 sob pena de morte, a infallibilidade das doutrinas de Aristoteles, forão cruelmente perseguidos, por ousarem combater as suas doutrinas, Clave, Bilaut e Wellon tres chemicos distinctos; e muitos outros intelligentes e livres pensadores soffrerão por crime identico a amputação da lingua e da forca! Horribile visu! Mas o que se deduz d'esses actos tão deshumanos? Por certo a ignorancia em vez da sciencia, a barbaridade em vez da civilização, o regresso em vez do progresso e desenvolvimento material e social do paiz.

E' pela sciencia e civilização, que um estado se eleva aos seus mais altos designios, tende á garantir a liberdade e direitos de seus membros, e estabelece meios, pelos quaes todos possão viver em completa harmonia, sem haver o menor desacato em sua perfeita u-

ção. Por ventura será hoje o nosso paiz, ou mesmo qualquer outro civilizado, bem como a França actualmente, theatro de drama tão repugnante e detestavel? E' absolutamente impossivel tal presumpção, desde que temos em nosso favor a disposição do art. 179 § 4.º de nossa constituição, que nos faculta não só a liberdade de pensar como tambem de a transmittir esses pensamentos aos demais. « Sem a liberdade da Imprensa, diz Benjamin Constant, todas as barreiras civis, politicas e judicarias tornavão-se illusorias. »

E nós accrescentaremos que sem ella jazeriamos no pleno obscuratismo, e sob o despotismo, de nosso chefe. E' pois a Imprensa a principal arma, com a qual o cidadão pôde expellir de si as más attribuições que se lhe atire, visando um só fim, o direito e a verdade. Se pois, a Imprensa tem por fim estes dous nobres predicados, por certo deverá cahir sob o dominio da censura todo e qualquer escripto ou jornal que vize um fim contrario. Muitas vezes nós temos visto em alguns jornaes, escriptos que em vez de visarem o fim nobre á que se destina a Imprensa, visam muitas vezes os desacatos e desordens. Nisto em vez de consistir a liberdade da Imprensa, consiste o seu abuso. Quem abusa da liberdade da Imprensa, abusa sem duvida do direito e da verdade, e quem abusa d'estas duas condições essenciaes ao homem social, não pôde deixar de cahir sob o dominio da censura publica. Avante pois, moços do Porvir!

Attendei o fim nobre e importante á que se destina a Imprensa, trilhai sempre a senda da verdade, e procurai abster-vos de qualquer meio deshonoroso que vos indusa a abusar da liberdade e da Imprensa!

### NOTICIARIO

**Nomeação.**—Somos informados que o governo imperial acaba de nomear juiz de direito, para a comarca de Santa Philomena, o bacharel José d'Azevedo e Silva.

Bem cedo começa a distinguir-se esse nosso comprovinciano pelo seu elevado merito. Saudamos a S. S.ª e congratulamos-nos com sua Exm.ª familia.

**Agradecemos.**—A noticia que, a cerca do nosso apparecimento, escreveo o « Norte »

de 17 andante; assim como ao distincto « Jornal da Parahyba, » e sentimos-nos captivos aos votos que nos dirijem estes illustres collegas.

**Acha-se**—na Corte o nosso digno comprovinciano, e amigo, o distincto lente da cadeira de inglez do lyceu d'esta capital, o Sr. Antonio Thomaz Carneiro da Cunha Junior, que para alli se guio afim de tomar parte no congresso, que alli se prepara em reforma á instrucção publica.

Desejamos-lhe felicidades mil e regresso a nosso seio.

**Embarque.**—Seguiu no vapor Ceará o nosso distincto amigo Francisco Holmes com destino ao Pará, onde pretende demorar-se por algum tempo.

**Soirée**—Teve lugar no dia 19 do corrente uma soirée no salão da assembléa, officida pelo corpo commercial d'esta praça ao ex-inspector d'alfandega d'esta provincia, o commendador Silvino Elvidio Carneiro da Cunha.

Reinava completa alegria no semblante de todos.

Achava-se postada uma banda de musica ao entrar-se para esse edificio, annunciando a entrada das Exm.ª familias que erão logo recebidas por uma brilhante commissão, conduzindo as ao salão que achava-se decorado a não deixar nada a desejar-se.

As 9 horas chegou S. Exc.ª com sua Exm.ª familia, e logo momentos depois rompeu a orchestra animando os convidados, que em bom numero alli se achavão, a fazer parte da dansa.

Na occasião de offerecerem uma lauta ceia, pronunciou um bem elaborado discurso o capitão Augusto Gomes da Silva, ao qual em curtas phrases agradeceu S. Exc.ª, deixando n'ellas ler-se agradecimento.

Pouco depois brindou o mesmo capitão Augusto Gomes ao bello sexo Parahybano. Surgirão alguns oradores colligados a esses principios, concluindo-se ás 4 1/2 da manhã essa bella festa.

Saudamos a S. Exc.ª

### VARIÉDADE

**Conto a vapor.**

Foi n'um baile que elle a viu pela primeira vez.

*Original  
de  
M. de S. S. S.  
Congo, 5/10/82*

Danças e conversaram animadamente. Ella revelou-se-lhe uma jovem sensata, affavel, delicada, ingenua e instruida. Reconhecendo-lhe todos esses predicados quem não sympathisaria com ella ?

Elle desde logo sentiu despertar-se-lhe n'alma a scintilha d'uma affeição irresistivel e crescente.

Passeou com a graciosa moça, levou-a até a copa, obsequiou-a e por fim não ponde resistir ao desejo de confessar-lhe a paixão que o dominava.

Rainha da festa, verdadeira encarnação do bello ideal, perola mimosa da criação, estrélla scintillante cahida das mãos de Deus no oceano da vida e o que de mais bello e sublime é possível á lingua humana exprimir, quando impellida pela faísca electrica do enthusiasmo, ouvil-o-hia proferir quem estivesse ao pé de ambos.

A conversação d'elle significava a apothese d'ella.

Esquecido de todos e de tudo, extatico, embevecido na contemplação d'aquelle rosto deífada, só obedecendo ao instincto da adoração, elle não podia observar que todas as vistas convergião para o lugar em que se achava com ella, nem cogitava de que ambos davão talvez motivos a alguma particular censura.

Infelizmente, porem, o praser tem sempre limite.

Erã 3 horas da manhã e o papá da encantadora moça, sentindo-se fatigado, manifestava a a intenção de retirar-se.

E' facil imaginar o descontentamento com que o apaixonado moço viu desaparecer do salão aquella que era para elle a animação e o encanto da festa.

Para logo sentiu-se enfasiado e partiu.

Vio-a depois por diversas veses á janella e era sempre por ella acolhido com um sorriso adocicado e um olhar fascinador.

Já tinham decorrido 15 dias, depois d'aquella noite, que elle considerava a mais feliz de sua vida, quando deparou com ella no theatro.

Ahi, porem, elle notou que os olhos da gentil menina assestavão diversos pontos na platêa e mui raramente encontravão-se com os seus.

Para logo appossou-se d'elle o ciúme e antes de terminar a representação do drama já o apaixonado moço conhecia 4 rivaes.

Quem o acompanhasse vel-o-hia marchar cambaleando como um ebrio e monologando certas phrases confusas e repassadas de angustia.

A uma hora da manhã do dia... na casa n.... um moço, com a fronte apoiada sobre as mãos, chorava amargamente e dizia: entre soluços— « ella, que já amo tanto, é uma coquêtte »—ao mesmo tempo que no 2.º andar do sobrado n.... uma joven de porte elegante, e feições mimosas, tendo voltado do theatro, mirava-se no espelho do toilette e murmurava—« bella como sou, tenho fé que me não será impossivill vir ainda ser espôsa ao menos d'um velho rico. »

## A PEDIDO

Aos redactores do « Porvir »

Congratulo-me com os distinctos Parahybano, redactores do *Porvir*, pelo seu apparecimento no jornalismo, cuja tarefa não deixará de ser animada pela briosa classe estudiosa parahybana.

O *Porvir*, tratando especialmente da litteratura, o principal objecto da classe escolar, preenche incontestavelmente o fim desejado: o seu desenvolvimento é apreciado por todos, pela claresa e correção do estylo da linguagem, que revelam os jovens escriptores.

Cumprindo o dever, felicitando-os com estas rudes phrases, desejo que o « *Porvir* » tenha longa existencia.

Parahyba, 16 de Maio de 1882.

Raymundo Lima,

## N'um Ballo.

Mais linda que a rosa, sustentando em dulçuras,  
As pet'las soberbas, macias, cheirosas,  
Assim a vi hontem, no baile walsando,  
Nos doces encantos das horas ditosas.

Seus labios corados gentis, erão meigos ;  
As negras madeixas, nos hombros cahião ;  
Eu vi seus cabellos na fronte curvada ;  
Meus olhos co'os della sorrindo morrião.

Dansava com ella, feliz como um anjo,  
Da salsa caroba no toque innocente ;  
Depois passeiando com ella em meo braço,  
Meu Deus eu dizia: que imagem nitente !

E então, terminados os brincos da dança  
Chorava os seus risos que um cravo me dera ;  
Cherei-o, guardando no lar de meu peito,  
Seu riso de graça quão doce me era !

Findado o brinquedo, seu pae soberano  
Dissera-lhe em gesto: Oh ! Filha é tão tarde !  
E partem sosinhos, e eu triste em soluços,  
Ficára co'o pranto que o peito me arde.

28 de Abril.

J. Medeiros.